

OUTRAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES

ATIVIDADE PARA MOBILIZAR CONHECIMENTOS DE REALIDADES ESTUDADAS E FUNDAMENTAR OPINIÕES

Realização de um debate em torno das seguintes reflexões:

O Homem do Renascimento valorizou a felicidade de viver, procurou desenvolver vários talentos para ter êxito, exibiu-se na sociedade ostentando a sua riqueza e sabedoria, embora muitas vezes “não, olhasse aos meios para atingir os fins”, sentia-se o “centro do Mundo”... E no presente? Na nossa sociedade?

Será que...

- As atitudes individualistas são marcantes nos nossos dias ou é a solidariedade que se destaca e tem valor?
- Não valorizamos em demasia o bem-estar e a ostentação de bens materiais?
- Como se manifesta a exibição social?
- O êxito é glorificado? Que êxitos? Prestamos culto aos feitos e vitórias dos nossos heróis? Quem são os novos heróis?

Os alunos poderão apresentar conclusões, preparando uma intervenção oral em grupo e ilustrar a sua intervenção com imagens alusivas ao presente.

ATIVIDADE PARA DESENVOLVER FORMAS DE PESQUISA AUTÓNOMA ATRAVÉS DA ELABORAÇÃO DE UMA BIOGRAFIA

Elabore uma biografia de Erasmo de Roterdão subjacente ao tema:

Erasmo de Roterdão foi a figura mais marcante do Humanismo europeu.

Tenha em conta os seguintes aspetos:

- a) **A sua vida e obra:** nos Países Baixos, em França, na Inglaterra, em Itália e na Alemanha, onde nasceu, viveu, ensinou e escreveu.
- b) **Os seus valores e contributos no Humanismo:** foi um europeu empenhado na reflexão cristã e na política.
- c) **O seu nome está vivo:** ainda hoje, nos programas e na vida dos estudantes universitários, nomeadamente através do “programa *ERASMUS*”.

SUGESTÕES: o trabalho poderá ser realizado em grupo e em interdisciplinaridade com as línguas estudadas no currículo ou com outra disciplina, e apresentado em texto ilustrado e documentado, em suporte digital para apresentação oral ou em forma de cartaz para ser exposto.

ATIVIDADE PARA ANALISAR FONTES DIVERSAS E APLICAR CONHECIMENTOS ESTUDADOS

Leia, com atenção, os seguintes documentos:

DOC. 1 O INDIVIDUALISMO, ESPÍRITO CRÍTICO E UTOPIA

A conduta, a habilidade e a fortuna de Lourenço de Médicis constituíram assunto de admiração para os príncipes, não só da Itália, mas nos países mais afastados. Matias, rei da Hungria deu-lhe testemunhos da sua afeição: o sultão do Egito cumprimentou-o e mandou embaixadores oferecerem-lhe presentes [...]. Tinha uma palavra eloquente e espirituosa, decisão ajuizada, execução pronta e corajosa. [...]

Lourenço de Médicis sonhou tornar a sua cidade mais bela e maior [...] Como encerrava grandes espaços desprovidos de habitações, fez sobre estes terrenos novas ruas para aí construir edifícios que a tornaram maior e mais bela [...].

Graças a ele a cidade, quando não estava em guerra, estava perpetuamente em festa, convidada para torneios, para cortejos onde se representavam os mais importantes acontecimentos e feitos da Antiguidade. O seu objetivo era manter a abundância na sua pátria, a união entre os povos e ver a nobreza honrada. Acarinhava e estimava todos os que eram notáveis nas artes; protegia os homens de letras. [...] O conde Giovanni della Mirandola [Pico della Mirandola], homem quase divino, atraído pela magnificência de Lourenço de Médicis, preferiu permanecer em Florença, onde se fixou, a viver em qualquer parte da Europa que tinha visitado. Lourenço dedicava-se sobretudo à música, à arquitetura e à poesia. [...] A fim de que a juventude de Florença pudesse dedicar-se ao estudo das belas-artes, ele fundou a universidade de Pisa, para onde convidou os homens mais sábios [...].

Maquiavel, *Histórias Florentinas*, livro VII, (1512).

[...] Vou revelar-vos o fundo de minha alma, e dizer-vos, os meus pensamentos mais íntimos. Em toda a parte onde a propriedade for um direito individual, onde todas as coisas se medirem pelo dinheiro, não se poderá jamais organizar nem a justiça nem a prosperidade social, a menos que denomineis justa a sociedade em que o que há de melhor é a partilha dos piores, e que considereis, perfeitamente feliz, o Estado, no qual a fortuna pública é a presa de um punhado de indivíduos insaciáveis de prazeres, enquanto a população é devorada pela miséria. [...]

Na Utopia, as leis são pouco numerosas; a administração distribui indistintamente os seus benefícios por todas as classes de cidadãos. O mérito é ali recompensado; e, ao mesmo tempo, a riqueza nacional é tão igualmente repartida que cada um goza abundantemente de todas as comodidades da vida. O fim das instituições em Utopia é assegurar primeiro as necessidades do consumo público e individual, depois deixar a cada um o maior tempo possível para [...] cultivar livremente o seu espírito [...].

[...] Quando me entrego a esses pensamentos, faço inteira justiça a Platão [...] Esse grande gênio previra [...] que o único meio de organizar a felicidade pública era a aplicação do princípio da igualdade. A igualdade é [...] impossível num Estado em que a posse é particular e absoluta: porque cada um se apoia em diversos títulos e direitos para atrair para si tudo quanto possa, [...]. Sei que existem remédios que podem aliviar o mal; mas estes remédios são impotentes para curá-lo. [Por exemplo ...] Suprimir o fausto e a representação nos altos cargos, a fim de que o funcionário, para sustentar sua posição, não se entregue à fraude e à rapina; ou, a fim de que não seja obrigado a dar aos mais ricos os cargos que deveriam caber aos mais capazes. [...]

Os utopianos abominam a guerra como uma coisa puramente animal e que o homem, no entanto, pratica mais frequentemente do que qualquer espécie de animal feroz. [...] Não se quer dizer com isto que eles não se exercitem com muita assiduidade na disciplina militar; [...]. Mas os utopianos não fazem a guerra sem graves motivos. Só a empreendem para defender as suas fronteiras ou repelir uma invasão inimiga nas terras dos seus aliados, ou ainda para libertar da escravidão e do jugo de um tirano um povo oprimido. Neste caso, não consultam os seus interesses; veem apenas o bem da humanidade.

Thomas More, *A Utopia*, 1516 [tradução, adaptada].

1. **Compare** os textos dos dois humanistas (Maquiavel e Thomas More):
 - a. **Atribua** um título a cada um dos excertos de forma a identificar o tema de cada texto.
 - b. **Distinga** as ideias defendidas em cada um dos excertos para a sociedade e a vida do Homem, nos seus valores e gostos.
 - c. **Distinga** a sociedade ideal defendida num e noutro texto pelos autores.
2. **Elabore** uma síntese das ideias recolhidas sobre as ideias dos dois autores quanto aos aspetos indicados (**no máximo uma página A4**, entre 200 a 400 palavras).

Proposta de resolução:

1. a) **Texto de Maquiavel:** Lourenço de Médicis, um mecenas admirado

Texto de Thomas More: A vida em Utopia

b) **Texto de Maquiavel:**

- a habilidade e a fortuna eram motivos de admiração;
- a valorização das capacidades de liderança de Lourenço de Médicis;
- a promoção da beleza da cidade como determinante para revelar a grandeza;
- a exaltação da ostentação mediante a realização de festas e de cortejos;
- a promoção da alegria e a riqueza eram entendidas como meios para garantir a união;
- a valorização daqueles que se destacavam nas artes e nas letras, acolhendo na sua corte vários artistas e intelectuais;
- a criação da universidade para promover a educação da juventude.

Texto de Thomas More:

- a recusa da propriedade individual porque impede a justiça;
- a condenação do dinheiro;
- a existência de poucas leis;
- a distribuição equitativa dos bens e da riqueza;
- as instituições servem para assegurar as necessidades;
- deve haver tempo para que os indivíduos possam cultivar-se;
- a igualdade é o meio para promover a felicidade;
- a recusa do fausto e dos benefícios para aqueles que desempenham altos cargos como forma de evitar a corrupção e garantir a igualdade;
- o mérito é um fator primordial;

- a guerra é condenada, exceto para garantir a defesa (própria ou dos aliados) ou para libertar da opressão;
- a defesa do bem.

c) Texto de Maquiavel:

- defesa de uma sociedade marcada pela ostentação e valorizadora da cultura.

Texto de Thomas More:

- defesa de uma sociedade justa e igualitária.

- 2.** Maquiavel e Thomas More foram dois intelectuais que desempenharam um papel importante na cultura do seu tempo. Maquiavel destacou-se sobretudo pela sua obra *O Príncipe* e Thomas More pela obra *A Utopia*. No excerto apresentado Maquiavel faz uma apreciação sobre a figura de Lourenço de Médicis, uma vez que testemunhou o florescimento da cultura e do poder político de Florença sob a autoridade de Lourenço, *O Magnífico*. Por isso, refere que: **«A conduta, a habilidade e a fortuna de Lourenço de Médicis constituíram assunto de admiração para os príncipes, não só da Itália, mas nos países mais afastados»**. Considera que Lourenço de Médicis promovia a ostentação, através de festas e de desfiles, como forma de garantir a unidade em Florença, afirmando: **«Graças a ele a cidade, quando não estava em guerra, estava perpetuamente em festa, convidada para torneios, para cortejos onde se representavam os mais importantes acontecimentos e feitos da Antiguidade. O seu objetivo era manter a abundância na sua pátria, a união entre os povos e ver a nobreza honrada»**.

Proposta de resolução:

Quanto a Thomas More, foi igualmente um intelectual destacado que cria uma proposta idealizada de Estado onde a propriedade individual e o dinheiro eram inexistentes, já que impedem a justiça e a igualdade. É nesse sentido que afirma: **«Em toda a parte onde a propriedade for um direito individual, onde todas as coisas se medirem pelo dinheiro, não se poderá jamais organizar nem a justiça nem a prosperidade social, a menos que denomineis justa a sociedade»**. Recusa o fausto e os benefícios decorrentes dos cargos públicos, defendendo o mérito como elemento organizador da sociedade, pelo que refere que: **«Suprimir o fausto e a representação nos altos cargos, a fim de que o funcionário, para sustentar sua posição, não se entregue à fraude e à rapina; ou, a fim de que não seja obrigado a dar aos mais ricos os cargos que deveriam caber aos mais capazes. [...]»**

Assim, podemos concluir que os dois intelectuais defendem modelos de sociedade distintos: se, para Maquiavel, a sociedade ideal é marcada pela ostentação e pela valorização da cultura, para More, a justiça e a igualdade é que se afirmam como os dois valores pelos quais a sociedade se deve reger.

ATIVIDADE DE COMPARAÇÃO DE OBRAS ICONOGRÁFICAS

Leia, com atenção, os seguintes documentos:

DOC. 1

	Cimabue	Rafael
a) Título e tema	<i>Maestà</i> , A Virgem e o Menino em majestade	<i>A Virgem e o Menino, com São João Batista</i> , ou <i>A Bela Jardineira</i> , Museu do Louvre, Paris.
b) Autor c) Século d) Dimensões	Cimabue c. 1280 (século XIII) Um painel com 4,24 m x 2,76 m	Rafael, 1507 Século XVI 122 cm x 80 cm
e) Suporte e técnica de pintura	Madeira Têmpera	Madeira óleo
f) Cores dominantes	Azul, vermelho, dourado e castanhos	Azul, vermelho, castanhos
g) Descrição e número das personagens	<i>Maestà</i> , A Virgem e o Menino em majestade	A Virgem e o Menino com São João Baptista
h) Disposição das personagens e outros elementos no espaço do quadro. Desenhe, no espaço da coluna de cada obra, um esboço das linhas da composição, procurando evidenciar a simetria e a geometrização das mesmas no espaço da composição.		
	DESENHE um esboço	DESENHE um esboço
i) Atitudes	Figuras em pose predominantemente estática embora se adivinhe o esboço do movimento das mãos e do rosto. Os rostos expressam serenidade e doçura, e a figura feminina segura afetuosamente o filho.	Figuras em pose de conjunto, surpreendidas num momento de contemplação e de cumplicidade mútua, ligadas pelo olhar. Rostos serenos e expressivos
j) Decoração e ambiente da cena l) Elementos que mostram profundidade e volume	j) Ambiente de interior, com as figuras dispostas em torno do trono, que serve de enquadramento à cena e lhe dá também volume e perspectiva; fundo dourado.	j) Ambiente exterior; elementos naturalistas da paisagem; tendo em fundo o que podemos supor que seja o curso ou superfície de água que remete para o rio Jordão e para as águas purificadoras do baptismo. Também Jesus será baptizado por João Batista, simbolizando a instituição do baptismo como ato sagrado e purificador. Os olhares recíprocos das personagens revelam a cumplicidade no destino das três figuras. Tratamento dos volumes, do tecido e dos corpos com naturalismo. Realce para a cena central numa composição em pirâmide. Fundo paisagístico que se vai esbatendo em profundidade e na distância.

DOC. 2

[o autor refere-se a “Cimabue, o primeiro grande mestre da escola de Florença”]

Pouco se conservou da obra de Cimabue. [...] O tipo de Virgem criado por Cimabue é original e de tanta doçura que bastam estas figuras femininas para o considerarmos um inovador, pelo desenho preciso (não caligráfico e miniaturista, mas escultórico) e pela riqueza cromática dos tons unidos. É além disso, essencialmente florentino; a elegância aristocrática deste tipo de Virgens será sempre a nota dominante da escola de Florença.

História da Arte, J. Pijoan (dir.), volume 5, Publicações Alfa, Lisboa, 1972.

DOC. 3**A**

Rafael de Sanzio dá uma forma definitiva ao ideal de harmonia para o qual tendia, há dois séculos, a arte italiana. [Em Florença] elabora o seu tipo de madona de rosto oval, impessoal e ideal como os das estátuas antigas.

Os seus retratos exprimem o ideal humanista da vida calma, de certeza e posse de si mesmo. A inspiração religiosa não é tão bem conseguida: a idealização das figuras produz o tipo de santidade banal, fria, sem expressão.

G. Bazin, *Histoire de l'art*.

B

Nos princípios de 1505, o jovem Rafael foi para Florença e aí instalou uma oficina por sua conta. A cidade fora até este momento a capital da arte renascentista italiana.

Aí acabou Rafael de formar o seu estilo, ou, melhor dizendo, um estilo seu. [...] expande o seu espírito, [...] e pinta em quatro anos cerca de uma dezena de imagens enternecedoras da Virgem com o Menino, grupos ideais da Mãe e o Filho [...] ambos com a mesma inocência, [...]. É impossível descrever uma por uma todas estas Madonas que a fotografia e o postal tanto popularizaram. [...].

História da Arte, J. Pijoan (dir.), volume 5, Publicações Alfa, Lisboa, 1972.

- Destaque** as características que o autor do documento 2 atribui à obra de Cimabue.
- Compare** a apreciação feita pelo autor do documento 3A com os argumentos do documento 3B. **Apresente** os respetivos argumentos.
 - Retire** a sua conclusão da comparação anteriormente feita.
- Apreciação comparativa – **Elabore** um texto explicativo [com o máximo de 400 palavras] a partir das informações recolhidas e do vocabulário abaixo apresentado.

Bidimensional
Cores quentes
Elementos naturalistas
Expressivas
Face pouco individualizada
Idealista

Modelação dos volumes
Movimento das personagens
Naturalista
Personagens estáticas
Primeiro plano
Profana

Profundidade
Representação do volume
Representação estilizada das figuras
Rigor anatómico
Segundo plano
Religiosa e bíblica

Proposta de resolução:

1. Referência às características:

Cimabue nas suas obras foi inovador no tratamento das figuras femininas; desenho preciso e escultórico; riqueza cromática dos tons; elegância aristocrática das Virgens, marca da escola de Florença.

2. O autor do Doc. 3 A considera Rafael como um pintor marcado:

- pelo ideal de harmonia;
- pelo tipo de Madona de rosto oval, pelo sentido impessoal e ideal como as estátuas antigas;
- pelo ideal humanista de vida calma e de confiança em si;
- pela pouca inspiração religiosa, pois as figuras são demasiado ideais e frias.

O autor do Doc. 3 B, considera Rafael como um pintor:

- criador do seu estilo;
- marcado pela criação das imagens ideais da Virgem com o Menino;
- que marca as figuras com uma inocência impossível de descrever; as suas imagens são muito populares.

2.1. Apesar de destacarem aspetos diferentes, as opiniões completam-se pois as Madonas de Rafael têm, na verdade, as características apontadas nos dois documentos.

3. A obra de Cimabue, *Maestà, A Virgem e o Menino em Majestade*, de c. 1280 (século XIII), é um painel com 4,24 × 2,76 m, portanto uma obra de grandes dimensões, feita em madeira e técnica de têmpera. As cores dominantes são o azul, vermelho, dourado e os castanhos. A Virgem em majestade e o Menino está rodeada de seis anjos, cujas figuras são representadas em pose, predominantemente estática e **bidimensional**, embora se adivinhe o esboço do movimento das mãos e do rosto. Os rostos expressam serenidade mas de **faces pouco individualizadas**. É de destacar a doçura e a figura feminina que segura afetuosamente o filho. O ambiente é de interior, com as figuras, dispostas em pirâmide, enquadradas pelo trono que dá também à cena volume e perspetiva. O fundo é dourado.

Quanto à obra *A Virgem e o Menino, com São João Batista, ou A Bela Jardineira*, pintada por Rafael em 1507 (século XVI), tem dimensões mais pequenas do que a anterior obra: 122 cm x 80 cm. É uma pintura feita a óleo, sobre madeira. As cores dominantes são o azul, o vermelho e os castanhos, ou seja, **cores quentes, naturalistas e expressivas**.

As figuras apresentam-se em pose de conjunto, surpreendidas num momento de contemplação e de cumplicidade mútua, ligadas pelo olhar. Os seus rostos são serenos e expressivos. O ambiente em que as personagens são enquadradas é exterior, com a presença de elementos naturalistas da paisagem, tendo, em fundo, o que podemos supor que seja o curso ou superfície de água que remete para o rio Jordão e para as águas purificadoras do batismo. Na verdade a temática é **religiosa e bíblica**, e refere-se indiretamente a que também Jesus será batizado por João Batista, simbolizando a instituição do batismo como ato sagrado e purificador. Os olhares recíprocos das personagens revelam a cumplicidade no destino das três figuras. O tratamento dos volumes, do tecido e a **modelação dos volumes** dos corpos é feito com naturalismo idealizado mas com **rigor anatómico**, dando realce às figuras de primeiro plano que surgem numa composição em pirâmide. O fundo paisagístico aplica as regras da perspetiva pelo que a paisagem se vai esbatendo em profundidade e na distância.

ATIVIDADE DE CONSOLIDAÇÃO DE VOCABULÁRIO E DE CONCEITOS ESPECÍFICOS – AS IGREJAS REFORMADAS

Assinale a(s) opção(ões) certa(s) com um **V** e a(s) falsa(s) com **F**

A. Foi no contexto da renovação cultural renascentista que se operou a Reforma da Igreja.

1. A crítica dos humanistas contribuiu para a Reforma porque...

- Acentuou a necessidade de acabar com o cristianismo.
- Defendeu a necessidade de regresso à religião romana.
- Defendeu o regresso ao cristianismo original e ao ideal de pobreza evangélica.
- Denunciou os abusos e a corrupção do clero.
- Pugnou por uma religião baseada nos Evangelhos.
- Os humanistas não eram crentes.
- Os humanistas eram profundamente conhecedores das fontes do cristianismo.

B. Ao contestar a “questão das Indulgências”, Lutero acabou por provocar uma rutura teológica ao pôr em causa os dogmas do catolicismo.

1. A ruptura teológica foi caracterizada fundamentalmente pelos seguintes princípios:

- A justificação pela fé e não pelas obras.
- O que interessava à Salvação era a compra de Indulgências.
- A exclusividade da Bíblia como fonte de fé.
- A superioridade da autoridade do papa.
- A doutrina era baseada na tradição da Igreja Romana e não nos Evangelhos.
- A defesa do sacerdócio universal de todos os batizados.
- O crente cristão não precisava de intermediários na sua relação com Deus.
- A negação da autoridade suprema do papa.

C. Lutero defende uma nova conceção de Igreja e de doutrina.

1. A doutrina luterana estava baseada nos seguintes princípios:

- Era o clero que devia interpretar as Sagradas Escrituras.
- Era através das missas e dos sacrifícios e penitência que o cristão devia ocupar-se.
- Era através da Palavra de Deus presente na Bíblia que a fé do cristão ficava mais forte.
- A Bíblia devia ser a única fonte da fé e de autoridade em doutrina.
- O ritual da missa em latim é substituído pela Palavra e pela Comunhão.
- Defende o uso do Latim para os sacerdotes poderem ser os únicos a ler os Evangelhos.
- Não aceita que a hierarquização da Igreja e defende o sacerdócio universal.
- Adota os sete sacramentos instituídos pela tradição da Igreja de Roma.
- Adota apenas dois sacramentos que considera serem os instituídos por Cristo (Batismo e Eucaristia).

D. O tempo e os acontecimentos da reforma protestante.

1. Documento que consagra os princípios do anglicanismo:

- As 95 Teses contra as Indulgências*
- Bula Exsurge Domine*
- Lei de Os Trinta e Nove Artigos*
- Bula de Indulgências*

2. **Documento que consagra a separação da igreja de Roma e em que o Rei é declarado chefe da igreja inglesa:**
- Ato de Supremacia* ☐
- Lei de Os Trinta e Nove Artigos* ☐
- As 95 Teses contra as Indulgências* ☐
3. **Documento que expulsa definitivamente da Igreja Católica o reformador alemão:**
- Bula Decet romanum pontificem* ☐
- Ato de Supremacia* ☐
- Lei de Os Trinta e Nove Artigos* ☐
- Bula Exsurge Domine* ☐
4. **Documento doutrinal do luteranismo apresentado a Carlos V:**
- As 95 Teses contra as Indulgências* ☐
- Confissão de Augsburgo* ☐
- Lei de Os Trinta e Nove Artigos* ☐
5. **Obra publicada por Lutero para torná-la mais acessível ao cristão como fonte da fé:**
- As 95 teses de Lutero* ☐
- Confissão de Augsburgo* ☐
- Bíblia alemã* ☐
- A Imitação de Cristo* ☐
6. **Doutrina calvinista mais radical que a luterana que defendia que o homem estava antecipadamente destinado por Deus a salvar a sua alma ou a perdê-la:**
- Predestinação* ☐
- Justificação pela fé* ☐
- Salvação pelas obras* ☐
- Doutrina contra as Indulgências* ☐
7. **Igreja reformada em que o Rei é o chefe supremo, reunindo elementos da doutrina católica e da doutrina calvinista:**
- Anglicana* ☐
- Calvinista* ☐
- Luterana* ☐
- Presbitariana* ☐
8. **Teólogo e humanista francês, convertido ao luteranismo que foge para a Suíça, onde clarifica e expõe a “doutrina da predestinação”:**
- Erasmus de Roterdão* ☐
- Francisco I, rei de França* ☐
- João Calvino* ☐
- Ulrico Zuínglio* ☐

9. **Princípio no qual Lutero fez assentar a grande base doutrinária da sua Reforma teológica:**

- Justificação pela fé
- Predestinação
- Salvação pela compra de Indulgências
- Venda das indulgências

☐
☐
☐
☐

10. **Cisma ocorrido na Igreja Católica durante a 1.ª metade do século XVI, que teve como principais autores Lutero, Calvino e Henrique VII, e que provocou uma rutura teológica e uma nova concepção de Igreja:**

- Cisma de Avinhão
- Cisma de Constantinopla
- Reforma católica
- Reforma protestante

☐
☐
☐
☐

11. **Nome dos crentes que professam as religiões cristãs separadas da Igreja Católica no século XVI, cujo termo foi pela primeira vez atribuído ao adeptos de Lutero por terem protestado contra a decisão do Imperador alemão que impedia a liberdade religiosa:**

- Reformistas
- Protestantes
- Revoltados

☐
☐
☐

Proposta de resolução:

A. 1. F; F; V; V; V; F; V

B. 1. V; F; V; F; F; V; V; V

C. 1. F; F; V; V; V; F; V; F; V

D. 1. F; F; V; F

2. V; F; F

3. F; F; F; V

4. F; V; F

5. F; F; V; F

6. V; F; F; F

7. V; F; F; F

8. F; F; V; F

9. V; F; F; V

10. F; F; F; V

11. F; V; F

DOSSIÊ TEMÁTICO PREPARATÓRIO PARA A REALIZAÇÃO DE UMA VISITA DE ESTUDO A UM MONUMENTO MANUELINO

O MANUELINO

O Manuelino é o período da arte portuguesa que vai **desde o final do século XV** até à **primeira metade do século XVI**. Neste estilo coexistem diversos contributos bebidos no **gótico final**, nomeadamente no **estilo flamejante** do norte da Europa, no **plateresco** e **luso mourisco (ou mudejar)**, bem como na presença de **elementos renascentistas** e ainda maneiristas, estes últimos na fase final. Os edifícios construídos nesta época revelam características comuns ao nível das **plantas, com cabeceiras retangulares**, na independência dos alçados das **abóbadas rebaixadas** e ainda pela presença de uma **exótica decoração** que se espalha pelos vãos e platibandas.

Foi um estilo que se divulgou por todo o país, de norte a sul, tendo sido igualmente divulgado nos arquipélagos atlânticos, no norte de África e inclusive no Oriente. É extensa a lista destes monumentos, muitos deles classificados como património de grande interesse histórico, marcando não só um estilo mas também uma época da História de Portugal.

Foi na cidade de Lisboa, perto da antiga praia do Restelo, à beira Tejo, onde chegavam e partiam as naus em direção aos vários portos e feitorias do Império português nos séculos XV e XVI, que o **rei D. Manuel I** mandou construir um dos mais emblemáticos e grandiosos monumentos deste estilo, o **Mosteiro dos Jerónimos**. Em 1501 ou 1502 deu-se início à sua construção, tendo as obras demorado cerca de 100 anos. Por outro lado, entre muitos outros exemplos podemos destacar a construção da **Sé Manuelina do Funchal**, na Ilha da Madeira, a **primeira grande igreja** construída pelos portugueses **fora de Portugal continental**, e que contou com o empenho e o contributo do então senhor da ilha, o duque D. Manuel, depois rei D. Manuel I, que atribuiu rendas e doações pessoais para levar a cabo a **obra que se iniciou em 1493** e que pôde ser dada por concluída, nos seus componentes mais marcantes, cerca de 1507. Este último monumento adquiriu um **significado relevante pelo facto de, em 1514 (ou seja, há 500 anos) se ter tornado sede do primeiro bispado** criado para abranger as novas terras descobertas, num espaço que incluía desde as ilhas dos Açores ao longínquo Oriente, nomeadamente à diocese de Goa.

O MOSTEIRO DOS JERÓNIMOS

O **Mosteiro dos Jerónimos** foi uma construção emblemática do estilo manuelino, cujo primeiro arquiteto responsável foi Diogo de **Boitaca**, embora ao longo dos anos outros mestres tivessem participado na obra, de modo que a cada um correspondeu uma nova fase da construção.

O **material** mais utilizado na construção foi a pedra, concretamente o calcário de lioz, muito abundante nesta zona.

O grande projeto do mosteiro foi pago com um imposto de 5%, criado pelo rei, que incidia em todo o ouro trazido da Guiné e nas especiarias e pedras preciosas vindas da Índia.

O mosteiro foi entregue aos monges da **ordem de S. Jerónimo** com a missão de rezar pela alma do rei e prestar assistência espiritual aos navegadores que partiam para as viagens de descobrimento e de comércio, daí ser sobretudo conhecido sob a designação Mosteiro dos Jerónimos.

Principais etapas da visita de estudo:**(Indica-se com um * quando aplicável a outro monumento manuelino, com as devidas adaptações.)**

- 1. Observação do aspeto geral da fachada*.**
- 2. Observação dos portais manuelinos***
 - a) portal sul do Mosteiro dos Jerónimos.
 - b) observação do portal principal.
- 3. Visita à Igreja*:**
 - a) O subcoro
 - b) A capela-mor*
 - c) A nave central *
- 4. Visita ao claustro**
- 5. Visita ao refeitório**
- 6. Visita ao coro-alto (ou ao coro e/ou cadeiral*)**

1. ASPETO GERAL DA FACHADA

2. OBSERVAÇÃO DOS PORTAIS MANUELINOS*

O portal sul – características:

- grandiosidade e riqueza da sua decoração;
- a figura central é Nossa Senhora dos Reis ou Santa Maria de Belém: com uma mão Nossa Senhora segura o Menino-Deus, tendo, na outra, o vaso oferecido pelos reis Magos;
- destaque para a figura do Infante D. Henrique, de barba, representado como guerreiro, vestindo armadura e com espada na mão. Essa estátua está colocada no pilar que se encontra exatamente entre as duas portas;
- na base desse pilar existem dois leões, símbolos de S. Jerónimo;
- O arcanjo S. Miguel, protetor de Portugal, apresenta-se no cimo do portal.

Portal principal – elementos arquitetónicos e decorativos*; características gerais*:

Este portal tem dimensões mais pequenas e é menos majestoso que o portal sul, apesar de ser o mais importante portal dos Jerónimos.

Nos nichos do topo: cenas do nascimento de Jesus Cristo (da esquerda para a direita, **Anunciação, Natividade, Epifania**).

Abaixo dos nichos: encontram-se as estátuas do rei D. Manuel I e da rainha D. Maria, com os seus santos patronos: S. Jerónimo e S. João Batista. Neste portal trabalhou Nicolau de Chanterene, que introduziu alguns elementos característicos da arte do Renascimento, tais como: os anjos vestidos à romana e os querubins (motivo decorativo composto por uma cabeça de criança com um par de asas).



3. VISITA À IGREJA* DO MOSTEIRO DOS JERÓNIMOS

A igreja*:

O teto, em **abóbada**, é composto por várias **nervuras**, que são as estruturas de pedra que têm origem nos cantos e se multiplicam pelo teto. A abóbada é uma **polinervada**.

Para juntar cada uma das nervuras, foi usado um **elemento circular**, feito de pedra, designado por **fecho de abóbada**.

Na decoração da abóbada foram utilizados vários motivos que caracterizam o estilo manuelino: a **cruz da ordem militar de Cristo**, a **esfera armilar**, as **cordas náuticas** e vários **motivos vegetalistas**.*



a) O subcoro da igreja do Mosteiro dos Jerónimos

Foram colocados, no séc. XIX, **dois túmulos**: no lado norte, o de **Vasco da Gama**; no lado sul, o de **Luís de Camões**.

b) A nave central da igreja do Mosteiro dos Jerónimos

No corredor central da igreja, ou seja, na **nave central**, as colunas são ricamente decoradas.

Aspeto da abóbada do cruzeiro

A cobertura do teto é em forma de arco, formando uma abóbada. Nos medalhões da abóbada estão representados vários símbolos:

- os símbolos reais de **D. Manuel I**: o escudo com as armas reais e esfera armilar;
- os símbolos religiosos: a cruz da ordem militar de Cristo.



c) A capela-mor da igreja do Mosteiro dos Jerónimos

Os túmulos de mármore que estão colocados sobre elefantes contêm os restos mortais do rei **D. Manuel I**, de sua mulher, a rainha **D. Maria** (a norte), e ainda do seu filho, o rei **D. João III** e de sua mulher, a rainha **D. Catarina** da Áustria (no lado sul). O rei D. Manuel I quis que o Mosteiro dos Jerónimos servisse de **panteão real**, onde se colocariam os túmulos dos monarcas. Esta capela, como hoje se apresenta, foi mandada construir pela rainha D. Catarina, tendo sido inaugurada em 1572.

O arquiteto responsável por este projeto foi **Jerónimo de Ruão**, que introduziu elementos característicos da arte maneirista (época do final do Renascimento).

Características: apresenta **colunas de duas ordens clássicas; mármore policromados**, que se diferenciam do calcário de lioz que foi empregue no corpo da igreja.

Depois de sair da igreja segue-se a visita ao claustro.

4. VISITA AO CLAUSTRO DO MOSTEIRO DOS JERÓNIMOS

O **claustro** é uma construção, geralmente de **forma quadrangular**, com um ou dois andares formados por **galerias cobertas e abertas** para um pátio através de **arcadas**.

O claustro é construído quase sempre encostado a um dos lados da igreja. Em volta do claustro localizam-se outras dependências do convento: a sala do Capítulo, o refeitório, entre outras.

O claustro do Mosteiro dos Jerónimos **é considerado um dos mais belos do mundo**, pela beleza e riqueza dos pormenores esculpidos.

Era o local destinado aos monges para leitura, oração, meditação e lazer. Por baixo da arcada foram esculpidos **medalhões** em pedra, representativos das cenas da **Paixão de Cristo**, entre outros que ostentam **símbolos régios**.

A partir do claustro os monges tinham acesso ao refeitório, à sala do Capítulo, à sacristia e ao coro-alto. Entremos, então, na sala do refeitório.

5. VISITA À SALA DO REFEITÓRIO DO MOSTEIRO DOS JERÓNIMOS

As **refeições** eram feitas pelos monges, em conjunto, no refeitório.

Durante as refeições, os monges tinham de cumprir regras próprias de comportamento. Não podiam conversar porque um dos monges lia passagens da Bíblia.

A sala do refeitório encontra-se revestida de **azulejos**, que representam cenas do Antigo e Novo Testamentos, muito posteriores à época manuelina (séc. XVIII). Na parede, podemos observar uma pintura de

Avelar Rebelo, representando **S. Jerónimo**. É uma pintura a óleo sobre tela, do séc. XVII, em que este é representado com os seus símbolos: o leão, a caveira, o chapéu e o manto de cardeal, a vela, a ampulheta (relógio de areia), o crucifixo e os livros.

Na parte sul da sala do refeitório está uma pintura mural (óleo sobre estuque), possivelmente datada do final do séc. XVI, que representa a **adoração dos pastores**. Nossa Senhora apresenta aos pastores o Menino Jesus, num lençol branco. Do lado direito está S. José e, em seu redor, os pastores trazendo um borrego, um cesto e um cabrito. Vê-se ainda o tocador da gaita de foles, o boi e a mula.

Depois de sair do refeitório pelo claustro, através da escadaria, temos acesso ao coro-alto.

Novamente de passagem pelo claustro, podemos observar as seguintes características:

- apresenta **dois pisos** com tetos abobadados;
- nas **alas** e arcos do piso inferior existe abundante **decoração manuelina**: elementos naturalistas de plantas e animais de terras distantes, símbolos e emblemas do reino e do rei e temas religiosos e náuticos.
- no **piso superior** a **decoração** corresponde a um gosto mais **renascentista**, responsabilidade dos mestres João de Castilho e Diogo Torralva.

A caminho da sala do Capítulo, encontramos o **túmulo de Fernando Pessoa**, grande poeta português nascido em Lisboa em 1888 e falecido em 1935. Os seus restos mortais foram trasladados para o claustro do Mosteiro dos Jerónimos em 1985.

6. O CORO-ALTO DA IGREJA DO MOSTEIRO DOS JERÓNIMOS

O **coro-alto** era um espaço muito importante para as **orações dos monges**.

Essa oração repartia-se por sete momentos ao longo do dia, ou seja, sete horas.

Assim, sete vezes por dia, os monges entravam no coro-alto para rezar, recitar ou cantar.

Os monges cantavam e rezavam no **cadeiral** (fila de cadeiras de madeira ligadas umas às outras e fixas aos dois lados das paredes de um coro)*.

Na primeira parte da oração, os monges estavam sentados nas cadeiras do cadeiral; na segunda parte, tinham de rezar em pé. Então, podiam apoiar-se nas **misericórdias**, ou seja, numa pequena peça colocada por baixo do assento de cada uma das cadeiras do coro.

O cadeiral foi desenhado pelo arquiteto Diogo de Torralva e foi executado, em 1550, pelo mestre Diogo de Carça. Esta obra tem grande valor na sua globalidade, especialmente nos pormenores de escultura que apresenta.

Existem aqui **duas séries de cadeiras, todas diferentes na decoração que possuem**. Cada uma tem um **assento levadiço**, no qual se encontra a “misericórdia” decorada com vasos, cabeças de jovens, guerreiros e animais fantásticos. Uma apresentam **temas profanos**, outras têm uma decoração de inspiração religiosa com imagens de santos.

OUTROS MONUMENTOS MANUELINOS

No **norte e centro de Portugal**, o manuelino está presente desde o início do século XVI. Em diversas igrejas desta região podem ver-se elementos arquitetónicos e decorativos, incluindo a decoração ao estilo “flamejante”, além de que as igrejas apresentam-se divididas em três naves:

- Igreja Matriz de Caminha
- Capela Principal da Sé de Braga;
- Igreja Matriz de Vila do Conde;
- Igreja Matriz de Freixo de Espada à Cinta;
- Mosteiro de Leça do Balio (pia batismal).

No centro de Portugal:

- Igreja do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra (túmulos, igreja, claustro);
- Sé Nova de Coimbra (pia batismal);
- Capela de São Miguel, na Universidade de Coimbra;
- Sé da Guarda;
- Convento de Cristo de Tomar;
- Igreja de São João Batista de Tomar;
- Igreja Matriz da Golegã;
- Mosteiro de Santa Maria da Vitória (ou da Batalha);
- A sala dos brasões e janelas no Paço Real de Sintra;
- Mosteiro dos Jerónimos, em Lisboa;
- Torre de Belém, em Lisboa;
- Convento da Madre de Deus, Lisboa;
- Igreja da Conceição Velha, Lisboa;
- Portal da Igreja da Madalena, Lisboa;
- Igreja do antigo Mosteiro de Jesus, Setúbal;
- Entrada lateral da Igreja de S. Julião, Setúbal.



Igreja Matriz de Caminha.



Igreja Matriz de Vila do Conde.



Igreja da Conceição Velha, Lisboa.



Sé da Guarda.

No sul de Portugal

- Igreja de São Francisco, Évora;
- Convento dos Loios; Évora; Paço de D. Manuel I, Évora;
- Igreja Matriz de Viana do Alentejo;
- Igreja Matriz do Torrão, Alcácer do Sal;
- Igreja Matriz de Odiáxere; Igreja da Misericórdia de Loulé.

Nas regiões autónomas

- Sé do Funchal, Madeira;
- Igreja Matriz de Ponta Delgada, Açores.



Igreja de São Francisco, Évora.



Sé do Funchal, Madeira.



Igreja Matriz de Viana do Alentejo.



Igreja Matriz de Ponta Delgada, Açores.



Igreja Matriz do Torrão, Alcácer do Sal.